

GISBERTA SALCE: DESUMANIZAÇÃO E TRABALHO A PARTIR DA ANÁLISE FÍLMICA

GISBERTA SALCE: DEHUMANIZATION AND LABOR FROM FILM ANALYSIS

Marcos Braga de Oliveira ¹[0009-0004-7671-2909]
Caroline da Rosa Cassel ¹[0009-0006-7762-0357]

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
marcosbraganh@gmail.com, caroline.cassel@hotmail.com

Resumo. O presente artigo apresenta uma análise fílmica de dois curta metragens portuguesas do tipo documentário que tratam da história de Gisberta Salce. Brasileira e trans, Gisberta, migrou para a Europa buscando fugir da alta taxa de assassinatos de pessoas trans no Brasil. Contudo, em 2006 foi espancada até a morte em uma construção abandonada, onde se abrigava do frio, por um grupo de jovens na cidade de Porto. Com o objetivo de debater a intersecção trabalho, transexualidade e migração a partir da psicodinâmica do trabalho de Christophe Dejours, analisamos como a perda da capacidade de trabalhar e a vulnerabilidade da condição de imigrante e de pessoa trans levou a uma percepção de desumanização de Gisberta por parte dos agressores. A análise fílmica utilizou-se tanto das imagens, quanto das falas dos entrevistados para ilustrar a trajetória de abandono. Finalizamos com a discussão de como a condição imigrante, trans e desempregada levou Gisberta a uma exclusão social e como isso dialoga tanto com a situação dos imigrantes brasileiros em Portugal, quanto com a situação de pessoas trans no Brasil.

Palavras-chave: pessoas trans, psicodinâmica do trabalho, migração, análise fílmica.

Abstract. This article presents a film analysis of two Portuguese documentary short films that address the story of Gisberta Salce. Gisberta, a Brazilian transgender woman, migrated to Europe in an attempt to escape the high rate of murders targeting transgender individuals in Brazil. However, in 2006, she was brutally beaten to death by a group of young people in the city of Porto, in an abandoned building where she sought shelter from the cold. With the objective of discussing the intersection of work, transgender identity, and migration through the psychodynamics of work proposed by Christophe Dejours, we analyze how the loss of the ability to work and the vulnerability of being an immigrant and a transgender person led to a perception of dehumanization of Gisberta by her attackers. The film analysis draws upon both visual imagery and the statements of interviewees to illustrate the trajectory of abandonment. We conclude with a discussion of how Gisberta's status as an immigrant, transgender individual, and unemployed person contributed to her social exclusion and how this relates to the situation of Brazilian immigrants in Portugal as well as the situation of transgender individuals in Brazil.

Keywords: transgender individuals, psychodynamics of work, migration, film analysis.

Introdução

Compreender a trajetória de uma pessoa implica, no cotidiano, em compreender sua relação com o trabalho. A centralidade dele na vida moderna acarreta em uma unidade entre trabalho e vida, sendo quase impossível segregar um do outro. Se antes podíamos afirmar que o trabalho é fonte de sustento à vida, hoje podemos dizer que o trabalho também é parte da construção da identidade do sujeito, dando-lhe um lugar na sociedade. Gisberta Salce se encontra em um não lugar, com sua identidade fragilizada. Sem trabalho, sem meios de sustento, sem família e aparentemente sem amigos. Ela foi desumanizada, pela mídia, pelo tribunal e principalmente pelos seus agressores.

Aqui buscamos, em primeiro plano, compreender de que forma a falta de trabalho e o caráter imigrante e de pessoa trans levaram ao processo de desumanização de Gisberta Salce, partindo-se do conceito de centralidade do trabalho de Dejours. Dado nossa origem no campo da administração, frente a outras possibilidades de escolha de lentes teóricas para compreender esse fenômeno, optamos pela teoria da psicodinâmica do trabalho, com foco na ideia de centralidade do trabalho.

Para isso, analisamos dois curtas portugueses: “A Gis” de 2016, dirigido por Thiago Carvalhaes e “O Teu Nome é” de 2022, dirigido por Paulo Patrício. Como método, optamos por uma análise visual e das falas dos curtas, transcrevendo as mesmas e usando diferentes materiais de apoio e artigos, que são citados no tópico Material e Métodos.

Material e Métodos

Com o objetivo de debater a intersecção trabalho, transexualidade e migração a partir da psicodinâmica do trabalho de Dejours, analisamos como a perda da capacidade de trabalhar e a vulnerabilidade da condição de imigrante e de pessoa trans leva a uma percepção de desumanização de Gisberta por parte dos agressores. Para tal, procedemos com a análise fílmica de dois curtas portugueses: “A Gis de 2016”, dirigido por Thiago Carvalhaes e “O Teu Nome é” de 2022, dirigido por Paulo Patrício. Essa análise consiste tanto das nossas percepções acerca das imagens, quanto das falas empregadas, cujo alguns trechos são transcritos para exemplificar pontos debatidos. Como referencial metodológico para análise fílmica utiliza-se Penafria (2009) e Mombelli e Tomaim (2014). Para a análise fílmica no campo da administração, optou-se por Leite et. al. (2021), Freitas e Leite (2015) e Oltramari, Lopes e Wannmacher (2018) e Oltramari e Lopes (2016). Como material auxiliar aos curtas utilizamos o livro Pão de Açúcar do português Afonso Reis Cabral, publicado em 2021 e ganhador do Prêmio José Saramago, uma ficção baseada nos acontecimentos reais que levaram à morte de Gisberta Salce. Também utilizamos artigos que, como este, tiveram como ponto de partida a história de Gisberta: Gomes (2012), Baptista e Himmel (2016), Nunes (2019) e Rodrigues (2021). Como ótica de análise do trabalho citamos Dejours (2010) e para relação entre trabalho e pessoas trans Beemyn e Eliason (2015), Brower (2016), Jesus (2016), Lehtonen (2016), Paniza e Maresco (2021) e Braga-de-Oliveira e Eccel (2022). Por fim, o olhar acerca de Gisberta Salce também perpassa pela temática da migração. Para essa análise usamos Fernandes, Peixoto e Oltramari (2020) e González e Oliveira (2011).

Resultados

Gisberta Salce deixa o Brasil com 18 anos, com o objetivo de fugir das dos assassinatos de transexuais que ocorriam no país. Chegando em Portugal após uma passagem pela França, Gisberta se estabelece na cidade de Porto. Durante sua trajetória, devido a baixa escolaridade e também pela desvalorização do migrante e da pessoa trans, teve como ocupação inicial a dança em bares e boates LGBT, mas obrigou-se a recorrer ao trabalho sexual para conseguir arcar com as contas e despesas (NUNES, 2019), realidade comum a população trans também no Brasil. Gisberta já dançava no Brasil, como comenta seu irmão no curta “A Gis” (2016) : “aqui também já dançava, não sei onde, mas dançava. E foi para lá para trabalhar, porque ele não tinha estudo para trabalhar nos escritórios”. O relato do irmão, apesar de focar na escolaridade e ocupação de Gisberta, também evidencia o preconceito e a falta de acolhimento familiar, a se referir a ela sempre no masculino, inclusive utilizando o nome “morto” em diferentes trechos. No mesmo documentário o irmão diz: “uma coisa é o que ele era e uma coisa é o contrário do que Deus fala, (...) eu amava ele só não amava o que ele era”. Nenhum dos documentários explora com profundidade essa relação, mas ao apresentar uma carta escrita pela mãe de Gisberta após visitá-la em Porto, Gisberta é sempre referida no feminino, demonstrando o acolhimento ao menos materno a ela.

O trabalho, antes visto como punição ou castigo, na Idade Moderna passa a ter outro sentido, o de realização. É através do trabalho que o indivíduo constrói sua identidade e se coloca na sociedade, o trabalho também é uma função social (WOLECK, 2005). O trecho “(...) a informação que eu tenho das amigas é que realmente era uma pessoa que sempre trabalhou (...)” do curta “A Gis” (2016) nos remete a centralidade do trabalho e a importância deste na construção do sujeito (DEJOURS, 2010).

Gisberta era bastante conhecida pelas apresentações que realizava e através do seu trabalho também criou o seu ciclo de amigos em Portugal. Entretanto, devido a sua ocupação, Gisberta contraiu o vírus HIV e, com o tempo e a saúde debilitada, não conseguiu mais trabalhar. Sem emprego, Gisberta perde também sua residência e passa para uma situação de rua, construindo uma barraca em um edifício abandonado. Segundo uma entrevistada relata no curta “A Gis” (2016), Gisberta não tinha “sequer vontade de viver”.

Longe de seu país e também não se sentindo acolhida pela família, Gisberta se encontrava cada vez mais em um não lugar, agravado pela perda de sua ocupação como dançarina e na prostituição.

Além disso, a condição de migrante a tornava ainda mais vulnerável. Gisberta, então, deixou o Brasil como uma maneira de fuga da violência instalada no país contra pessoas transsexuais. Porém essa situação não tirava dela o desejo de retorno, conforme uma amiga comenta no documentário “A Gis” (2016): “Porque se ela tivesse financeiramente bem, eu acho que a gente tinha voltado para o Brasil sem sombra de dúvidas, acho que ela teria voltado(...) Sinceramente, acho que era o sonho da Gi”.

A doença, o desemprego, a condição de morador de rua e migrante, a perda dos vínculos. Elementos esses que levaram a um processo de desumanização. Baptista e Himmel (2016, tradução nossa) relatam que: “o crime é descrito como uma agressão violenta (...) sem consideração pela sua humanidade, no entanto, também é frequentemente mencionado como um jogo divertido que deu errado (...) essa apresentação do ataque como uma brincadeira/diversão desvaloriza enormemente Gisberta como ser humano”. Trecho como o seguinte do curta “O Teu Nome é” (2022) ilustram bem isso: “pronto, agora ninguém sabe nada, agora vai virar ossos e depois vira pó. Morreu aqui.

Pronto. Nossa, como a vida vale tão pouco, não somos nada, valem nada, nem os animais fazem isso”. O isso descrito, além de agressões físicas, se refere ao modo como acabou: “Com luvas e sacos plásticos, arrastão Gisberta cem metros. Atirou na para um poço com água no fundo. Ela está viva. Ela morre afogada” (A Gis, 2016).

Discussão

O caso de Gisberta Salce demonstra a necessidade de um olhar interdisciplinar visto que sua trajetória foi afetada por diferentes fatores que atravessam o preconceito social, o desemprego, a condição de migrante, a doença e as restritas oportunidades a ela apresentadas, resultando nesse não lugar e na desumanização. Os documentários não apenas narram a história, como trazem entrevistas de pessoas que dessa história fizeram parte e ilustram os ocorridos sendo fonte fundamental para as reflexões aqui postas. Reflexões essa que resultam no seguinte questionamento: quantas mais Gisbertas há por aí? Portanto, nossos estudos seguem com o objetivo de analisar a refletir acerca das histórias dessas Gisbertas.

REFERÊNCIAS

1. A GIS. Direção de Thiago Carvalhaes. 2016. (20 min.).
2. BAPTISTA, Maria Manuel Rocha; HIMMEL, Rita Ilse Pinto de Loureiro. ‘For Fun’: (de) humanizing gisberta.:the violence of binary gender social representation. *Sexuality & Culture*, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 639-656, 4 maio 2016.
3. BEEMYN, Genny; ELIASON, Mickey. “The intersections of trans women and lesbian identities, communities, and movements”: an introduction. *Journal Of Lesbian Studies*, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 1-7, 23 dez. 2015.
4. BRAGA-DE-OLIVEIRA, M. ECCEL, C.S. Políticas de Gestão da Diversidade: Uma Análise a partir das Percepções de Pessoas LGBTQIA+. In: ANPAD, 2022.
5. CABRAL, Afonso Reis. Pão de Açúcar. Rio de Janeiro: Harpercollins, 2021. 256 p.
6. DEJOURS, Christophe. Work and Self-Development. *Critical Horizons*, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 115-130, jul. 2014.
7. 2014. _____. Effets de la désorganisation des collectifs sur le lien... à la tâche et à l'organisation. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, [S.L.], v. 61, n. 2, p. 11-18, 2 jan. 2014.
8. _____.; DERANTY, Jean-Philippe. The Centrality of Work. *Critical Horizons*, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 167-180, 21 mai. 2010. _____..
9. SUBJECTIVITY, Work, and Action. *Critical Horizons*, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 45-62, 21 fev. 2006.
10. _____. Nouvelles formes de servitude et suicide. *Travailler*, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 53-73, 1 mar. 2005.
11. FERNANDES, Duval; PEIXOTO, João; OLTRAMARI, Andrea Poletto. A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *Revista Latinoamericana de Población*, [S.L.], v. 15, n. 29, p. 34-63, mar. 2020.
12. FREITAS, Alessandra Demite Gonçalves de; LEITE, Nildes Raimunda Pitombo. Linguagem fílmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações. *Revista de Administração*, [S.L.], v. 50, n. 1, p. 89-104, jan. 2015.
13. GOMES, Filipe Couto. Transição de gênero e acesso à Saúde. *Simpósio Identidade de Gênero e Transexualidade*, Porto, mar. 2012.

13. GONZÁLEZ, Juan Miguel Rosa; OLIVEIRA, José Arimatés de. Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso. Cad. EBAPE, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1122-1135, dec. 2011.
14. JESUS, Jaqueline Gomes de. As guerras de pensamento não ocorrerão nas universidades. In: COLLING, Leandro (Org.). Dissidências sexuais e de gênero. Salvador, p. 217-237, 2016.
15. LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte. Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. 516 p. LEHTONEN, Jukka. Experiences of Non-Heterosexual and Trans Youth on Career Choice and in the Workplace. Sexual Orientation And Transgender Issues In Organizations, [S.L.], p. 289-306, 2016.
16. LEITE, Nildes Raimunda Pitombo; LEITE Fabio Pitombo; TAKERISSA NISHIMURA, Augusto; BATISTA DA SILVA, Marco Antônio; GOMES DOS SANTOS, Emerson. Análise fílmica em pesquisas em administração: sabendo o porquê e como utilizá-la. Gestão & Regionalidade, [S. l.], v. 37, n. 112, set. 2021.
17. MOMBELLI, Neli Fabiane.; TOMAIM, Cássio dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. Lumina, [S. l.], v. 8, n. 2, jan. 2015.
18. NUNES, Arthur Vinicius Anoroço. Três versões para o assassinato de Gisberta Salce: a análise do discurso no jornalismo e na arte. Linguagem: Estudos e Pesquisas, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 151-163, mar. 2021.
19. OLTRAMARI, Andrea Poletto; LOPES, Fernanda Tarabal; WANNMACHER, Eduardo. “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”: o cinema e suas possibilidades na formação em Administração. Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 5, n. 14, dez., 2018.
20. OLTRAMARI, Andrea Poletto; LOPES, Fernanda Tarabal. Cinema, trabalho, organizações e sociedade: possibilidades e formação em Administração. In: IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Porto Alegre, out. 2016.
21. O TEU NOME É. Direção de Paulo Patrício. 2022. (24 min.).
22. PANIZA, Maurício Donavan Rodrigues; MORESCO, Marcielly Cristina. À margem da gestão da diversidade? Travestis, transexuais e o mundo do trabalho. Revista de Administração de Empresas, [S.L.], v. 62, n. 3, p. 1-20, mai. 2022
- PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM. Lisboa, abr. 2009.
23. RODRIGUES, Leilane Menezes. Jornalismo e transexualidade: A construção da personagem Gisberta na mídia portuguesa. Dissertação, Porto, 2021.
24. WOLECK, Aimoré. O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. Revista de Divulgação Técnico-Científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação, Santa Catarina, p. 1-15, jan. 2002.